

ENCONTRO ETNOGRÁFICO E SOCIABILIDADE NAS BARRAS ARGENTINAS: CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO ANTROPOLÓGICO COM A TORCIDA LA BANDA DEL CALAMAR

ENCUENTRO ETNOGRÁFICO Y SOCIALIZACIÓN EN LAS BARRAS ARGENTINAS:
CONSTRUCCIÓN DEL CONOCIMIENTO ANTROPOLÓGICO CON LA HINCHADA LA
BANDA DEL CALAMAR¹

Mariane da Silva Pisani

Professora do Programa de Pós-graduação em Antropologia na Universidade Federal do Piauí
marianepisani@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-6925-4912>

Fábio Henrique França Rezende

Doutorando em Educação Física na Universidade Estadual de Campinas
fabiohrezende94@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-9651-7749>

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a construção da relação entre os pesquisadores e os membros da barra La Banda del Calamar, do Club Atlético Platense, em Buenos Aires, a partir de uma experiência etnográfica realizada em um ambiente hierarquizado. A pesquisa investiga como as dinâmicas de sociabilidade e poder dentro da torcida, bem como as negociações de acesso, moldaram a experiência de campo. O artigo explora as práticas de torcer nas populares do Platense, as hierarquias de gênero e poder nas barras, e a integração dos pesquisadores nesse contexto, destacando como as regras não-ditas e os elementos simbólicos, como as faixas e os cânticos, definem a identidade coletiva e a participação nas ações torcedoras.

Palavras-chaves: Etnografia; Futebol; Barras; Torcidas Organizadas; Argentina; Sociabilidade.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar la construcción de la relación entre los investigadores y los miembros de la barra La Banda del Calamar, del Club Atlético Platense, en Buenos Aires, a partir de una experiencia etnográfica realizada en un ambiente jerarquizado. La investigación indaga cómo las dinámicas de sociabilidad y poder dentro de la hinchada, así como las negociaciones de acceso, moldearon la experiencia de campo. El artículo explora las prácticas de alentar en las populares del Platense, las jerarquías de género y poder en las barras, y la integración de los investigadores en este contexto, destacando cómo las reglas no dichas y los elementos simbólicos, como las banderas y los cantos, definen la identidad colectiva y la participación en las acciones de los hinchas.

Palabras claves: Etnografía; Fútbol; Barras; Hinchadas Organizadas; Argentina; Sociabilidad.

Introdução

Em dezembro de 2024, os autores que escrevem coletivamente este texto foram convidados para assistir uma partida de futebol na companhia da torcida organizada *La Banda del Calamar*²³. A torcida congrega alguns dos torcedores(as) do *Club Atlético Platense*, clube de futebol da Argentina fundado no ano de 1905, sediado na cidade de Vicente López, na Grande Buenos Aires. Atualmente, em 2025, o *Club Atlético Platense* disputa a primeira divisão do Campeonato Argentino.

É importante destacar que as torcidas organizadas argentinas, que nesse texto chamaremos de *barras*⁴, são grupos fechados e hierarquizados (Cabrera, 2022). Por isso a entrada em seu círculo íntimo se mostra por vezes bastante complexa, sobretudo para pessoas que não estão dentro e não compartilham do campo social (Bourdieu, 1996) emaranhado por elas.

Assim, vale dizer, que o contato que os pesquisadores tiveram com *La Banda del Calamar* só foi possível graças às investigações anteriores realizadas com *barras* argentinas, colombianas e com os bondes de pista brasileiros (Rezende, 2024; Pisani, 2025). Em março

de 2024, os autores estiveram na cidade de Rosário, na província de Santa Fé, na Argentina, e ali entraram em contato com as lideranças de *La Hinchada Más Popular* do time *Club Atlético Newell's Old Boys (NOB)*. A partir desse contato preliminar nos foi feito o convite para que, quando estivéssemos em Buenos Aires, fossemos assistir uma partida do *Club Atlético Platense*. As relações de amizade entre as torcidas de *NOB* e *Platense* serão discutidas mais adiante neste texto. O que importa neste momento é destacar que este vínculo, estabelecido a partir do contato em Rosário, desempenha um papel importante no contexto da nossa experiência etnográfica em Buenos Aires.

Este artigo tem como objetivo demonstrar como foi realizada a construção da relação entre os pesquisadores e os membros da *barra La Banda del Calamar*, considerando o contexto específico de uma experiência etnográfica em um ambiente fechado e hierarquizado, como são as torcidas organizadas. A partir da experiência etnográfica compartilhada, produzimos esse texto na intenção de contribuir para a compreensão das dinâmicas sociais e culturais do futebol argentino, descrevendo quais implicações essa relação - pesquisadores e torcedores - tem para a representação cultural e a escrita etnográfica, especialmente no que se refere à negociação de acessos e à complexidade do encontro etnográfico.

Surgimento das torcidas organizadas, *barras* e *hinchadas* no contexto latinoamericano

41 Desde os anos 2000, as torcidas e os(as) torcedores(as) de futebol têm sido foco de estudo nas Ciências Sociais. Os trabalhos trazem discussões como sociabilidade torcedora (Campos; Toledo, 2013), violência (Máximo Pimenta, 2004; Murad, 2007), torcidas organizadas (Toledo, 1996), gênero (Barreto Januário, 2019), dentre outras possibilidades de investigação.

No contexto brasileiro, as torcidas de futebol surgem a partir dos anos 1940 a partir da sua coletivização e criação das torcidas uniformizadas. Originalmente, estas tinham o apoio da imprensa, à época, e das próprias diretorias dos seus clubes. Seus líderes, como é o caso de Jaime Carvalho, da Charanga Rubro-Negra, representavam a construção de comportamento ideal para os(as) torcedores(as) dentro das arquibancadas. As torcidas pautavam como deveriam, ou não, se comportar os torcedores nas arquibancadas, não era permitido criticar os jogadores ou a diretoria do clube, da mesma forma os palavrões não eram aceitos e o envolvimento em atos de confusão eram duramente coibidos (Santos, 2004; Lopes, 2013).

Durante os anos 1980, após quase três décadas de predominância nas arquibancadas, em especial nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, as torcidas uniformizadas passaram por um período de questionamento por parte de outros torcedores. Se entendia, à época, que deveria existir uma forma de torcer que contestasse e fiscalizasse os mandos e desmandos das diretorias dos clubes. As torcidas que foram formadas no fim da década de 1960 e início de 1970 ficaram conhecidas como torcidas jovens (Teixeira, 2001; 2003) e se mostraram como coletivos torcedores que acabaram por construir como marco identitário o antagonismo torcedor por meio de confrontos contra grupos rivais, alianças torcedoras (Souza, 2020) e a militarização (Murad, 1996) desses grupos, quando comparados às torcidas uniformizadas dos anos 1940.

Nos anos 1990 e 2000, após inúmeros confrontos físicos entre torcedores - sendo a grande maioria mediada a partir da utilização de armas brancas e de fogo e

consequentemente, levando à morte de muitos torcedores -, as torcidas organizadas passaram por um intenso processo de criminalização pelo estado brasileiro. Até o presente momento, durante os anos 2020, é possível perceber que os meios de comunicação e órgãos de segurança caracterizam esses grupos por um único prisma, desconsiderando as suas heterogeneidades e os colocando como grupos extremamente violentos e marginais.

No contexto argentino, o antropólogo Eduardo Archetti (1985) foi um dos pioneiros a investigar questões relacionadas às torcidas e aos(as) torcedores(as). Em seus trabalhos, buscou compreender os códigos e construções simbólicas e físicas que regiam os grupos que se encontravam nas arquibancadas populares⁵. Os trabalhos de Archetti serviram de base intelectual para outros(as) pesquisadores(as) argentinos(as), como Alabarces (2004), Moreira (2005) e Zucal (2006). Este conjunto de autores formulam o conceito do *aguante*, no qual Archetti (1985) também possui importante contribuição. O termo representa o ato do torcedor de colocar o seu corpo à prova - contra a polícia, contra as intempéries, contra outros torcedores - em prol do clube e, mais do que isso, em prol da *barra* que participa.

De acordo com Castro (2013), o *aguante* é uma condição desejada pelos participantes das *barras* e ela distingue esses torcedores de outros que não possuem. Ainda segundo o referido autor, existem duas formas de colocar o corpo à prova: 1) por meio dos combates contra grupos rivais; ou seja, colocar-se contra coletivos dissidentes, oriundos de disputas internas que se dão nas *barras* e contra a própria polícia, que é considerada pelos torcedores como a *barra* mais violenta. 2) por meio do carnaval; ou seja, do apoio ao clube com cânticos e com a presença constante em partidas como mandante e visitante. É importante destacar que as viagens, também chamadas de caravanas, levam os torcedores para partidas fora de casa, em territórios pouco conhecidos e hostis. Os torcedores que integram as caravanas representam a ideia do *aguante* e de colocar o corpo em condições de dificuldade. Vale destacar que essas caravanas são marcadas por longas viagens, por elevados valores de ingressos e pela possibilidade iminente de sofrer, em determinados momentos, violências físicas e simbólicas, seja por parte da polícia ou de outros torcedores. Vale ressaltar que alguns pesquisadores argentinos, têm problematizado a ideia do *aguante* como um termo que faz referência a uma forma de masculinidade que é hegemônica e reprodutora de violências diversas como homofobia, xenofobia e sexism (Ibarra; Alvarez Litke; Majul, 2023).

Ainda no contexto latino-americano, é importante destacar a formação das torcidas organizadas na Colômbia, sobretudo porque alguns elementos que constituem essas torcidas foram importadas pelas torcidas argentinas. No contexto colombiano, durante as décadas de 1980 e 1990, o futebol nacional alcançou grande sucesso internacional. Primeiro com a seleção colombiana marcando presença histórica em três Copas do Mundo consecutivas (1990, 1994 e 1998). Segundo com a projeção de jogadores emblemáticos como René Higuita e Carlos Valderrama. Terceiro, os clubes colombianos, como Atlético Nacional, América de Cali, Deportivo Cali e Millonarios de Bogotá, passaram a se destacar na Copa Libertadores da América. Esses clubes alcançaram boas campanhas na competição, em grande parte impulsionados por investimentos provenientes do narcotráfico de Pablo Escobar. A cultura das *barras* na Colômbia influenciou bastante o futebol argentino e brasileiro (Castro, 2013; 2022; Gomes, 2016; 2017; 2020), sobretudo no que diz respeito à violência e à inclusão de elementos para mediar as brigas.

As *barras* colombianas possuem performances próprias na cultura local, admitindo rivalidades entre cidades como a sua principal motivação (Ramírez; Salazar, 2021). Da

mesma forma, na Colômbia, os confrontos seguiram a ideia de um *aguante* que permitiu a utilização de facas⁶. Já na Argentina e no Brasil, até a meados da década de 1980, as brigas protagonizadas pelas *barras* e torcidas organizadas eram realizadas essencialmente com os punhos (Toledo, 1996; Alabarces, 2004; Moreira, 2005; Zucal, 2010; Cabrera, 2022) e, mais recentemente após influência das *barras* colombianas, com armas brancas e de fogo.

Torcidas organizadas, *barras* e *hinchadas*: para além da violência, relações de amizade e parceria

A partir da contextualização do surgimento das torcidas organizadas e *barras* dos três países, Argentina, Brasil e Colômbia, torna-se fundamental destacar que eles criaram diferentes formas de lidar com as torcidas organizadas e *barras*, bem como elaboram distintas políticas públicas de combate à violência no futebol.

Brasil e Argentina seguem uma linha de tutela e repressão do torcer e dos(as) torcedores(as) (Rezende; Saldanha; Silva, 2023). Em certa medida a tutela e a repressão se baseiam no modelo inglês de combate ao *hooliganismo* e no Relatório Taylor (Rezende; Saldanha; Silva, 2023 - artigo do EDT e da LGE). Ainda no contexto brasileiro Leis foram criadas como, por exemplo, a Lei nº 10.671, de 15 de maio de 2003, mais conhecida como Estatuto de Defesa do Torcedor (EDT), que em 2010 (Lei nº 12.299) sofreu alterações. Esta foi revogada em 2023, a partir da criação da Lei nº 14.597/2023, conhecida como Lei Geral dos Esportes (LGE). Atualmente a LGE, em seu Artigo 178, culpabiliza as torcidas organizadas e os seus diretores por quaisquer atos violentos cometidos pelos(as) torcedores(as) organizados(as) em um raio de até 5 km das praças esportivas ou estádios.

É um consenso para os autores deste texto que a punição de toda uma torcida organizada em detrimento de torcedores(as) específicos(as) que cometem atos ilícitos soa como medida imediatista, populista, que traz poucos resultados e que, no limite, continua reproduzindo a ideia de que as torcidas são um todo homogêneo. Assim, a partir das pesquisas sobre torcidas e torcedores(as) é possível compreender que para contornar situações de violência perpetradas pelos (as) torcedores (as) não passa pelo banimento do Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) das torcidas organizadas, nem pelo impedimento de que todos os seus integrantes frequentem os estádios de maneira institucionalizada, mas sim, se dá através da punição do Cadastro de Pessoa Física (CPF) dos (as) torcedores (as) que cometem crimes e atos de violência.

Já no contexto Argentino, a mais de uma década, existe uma Lei que é aplicada nos jogos de futebol masculino de primeira e segunda divisão do Campeonato Argentino (Perina; Lopes, 2021). Ela permite que as arquibancadas sejam ocupadas apenas pelos(as) torcedores(as) do clube mandante. Ou seja, os(as) torcedores(as) da equipe visitante não podem comparecer ao estádio em dias de jogo. Esta medida também tem-se mostrado ineficaz para a resolução dos conflitos no futebol argentino. Tendo em vista que os adversários deixaram de estar em arquibancadas opostas e passaram a se encontrar na mesma popular para torcer para o mesmo time (Cabrera, 2022). Aqui destacamos os confrontos internos que marcam a trajetória de algumas *barras* argentinas, como é o caso de *Los Borrachos del Tablón* (LBDT), do *River Plate* (Daskal, 2020). Em 2007, após um jogo, dois grupos da mesma *barra* entraram em conflito do lado de fora do estádio, resultando em duas pessoas esfaqueadas.

Importante destacar aqui que a proibição das torcidas visitantes em dias de jogos acaba por criar novas formas de sociabilidade (Simmel, 2006) entre torcedores(as) e torcidas argentinas. Voltamos ao caso que estamos discutindo neste artigo. As torcidas *La Hinchada Más Popular* e *La Banda del Calamar*, respectivamente do *Club Atlético Newell's Old Boys* e *Club Atlético Platense*, possuem uma amizade de décadas. Esta foi construída a partir do compartilhamento de códigos que estruturam e hierarquizam as *barras*. Assim, é possível perceber como as *barras* e *hinchadas* argentinas se constituem como instituições que dominam simbolicamente a arquibancada dos clubes argentinos. No caso específico das torcidas do *Platense* e do *NOB*, as alianças de respeito, auxílio e amizade podem ser exemplificadas por meio da presença da torcida do clube que atua como visitante, na arquibancada do seu adversário daquele dia.

Em março de 2024, quando estivemos presentes em uma partida entre *NOB x Platense*, na cidade de Rosário, cerca de 50 membros de *La Banda del Calamar*, estiveram presentes na popular do estádio *El Coloso* (Marcelo Bielsa), para acompanhar o seu clube. Obviamente, isso foi referendado pelas lideranças de *La Hinchada Más Popular*, que lhes garantiram segurança durante sua estadia na cidade de Rosário, ingressos, alimentação e uma confraternização por meio do churrasco antes da partida. Foi nesse contexto que uma liderança da torcida do *NOB* solicitou que os líderes de *La Banda del Calamar* nos recebessem em alguma partida futura. Essas práticas de amizade e reciprocidade ilustram como os códigos de amizade se dão no contexto das torcidas argentinas (Alabarces, 2008). Logo, podemos inferir que essa prática entre torcidas amigas, tem se mostrado uma estratégia eficaz para burlar, em certa medida, a proibição de torcidas visitantes no futebol argentino (Perina; Lopes, 2021). Mesmo que os(as) torcedores(as) estejam presentes na arquibancada do clube mandante, somente a utilização das camisas do seu clube de coração e o ingresso ao estádio, já se mostra uma importante contestação contra as medidas que foram impostas pelo poder público argentino.

Assim, em dezembro de 2024, quando fomos recebidos pelos(as) torcedores(as) de *La Banda del Calamar*, estivemos acompanhados por uma liderança da *barra* do *NOB* em Buenos Aires. Por residir próximo ao estádio o torcedor do *NOB* frequenta diariamente os jogos do *Platense*. Destacamos, inclusive, que ele também foi um dos responsáveis por esse início de amizade entre torcedores do *NOB* e *Platense*, o que mostra que as amizades e inimizades que acontecem entre grupos de torcedores, se dão também pelas pessoas que estão em cargos de liderança e de influência desses coletivos.

Diferente das posturas adotadas na Argentina e no Brasil, a Colômbia segue em uma via oposta. Ainda que por anos a segurança pública do país tenha se baseado em modelos que criminalizam e colocam à margem as *barras*, desde o ano de 2014, com o *Barrismo Social* (Restrepo, 2018; Ramírez; Salazar, 2021) o governo busca adotar uma estratégia que visa o diálogo, o trabalho interdisciplinar entre segurança pública, universidades e *barras* e seus integrantes. Assim, as torcidas e seus torcedores são colocados no centro do debate público, evidenciado e possibilitando um protagonismo positivo para lidar e combater episódios de violência dentro e fora dos estádios.

***La Banda del Calamar* em dia de jogo**

No dia da partida combinamos de nos encontrar com a liderança da torcida do *NOB* em

Buenos Aires, no bairro Belgrano. Deste primeiro ponto de encontro caminhamos aproximadamente dez quarteirões até um cruzamento específico, próximo de bares e mercados. Ali encontramos com um dos referentes⁷ da *La Banda del Calamar* e também com outros(as) torcedores(as) que juntos(as) cantavam, bebiam, soltavam sinalizadores e confraternizavam antes da partida. Foi um momento importante para nos ambientarmos e conversarmos com outros(as) integrantes da *barra*. Antes de realizar qualquer movimentação ou aproximação, perguntamos se poderíamos fazer algumas fotos, se havia problema em aparecer o rosto das pessoas que estavam ali naquele momento. Prontamente fomos autorizados pelo referente a fazer as fotos que quisséssemos, bem como interagir livremente com as pessoas ao nosso redor. Após a anuência do referente, caminhamos entre os(as) torcedores(as), observando a disposição deles(as) no espaço público e seus modos de sociabilidade (Simmel, 2006).

Figura 1 - Torcedores(as) *La Banda Del Calamar*



Fotos: Pisani, 2024

Como fazia muito calor naquela tarde perguntamos ao referente onde poderíamos comprar água e outras bebidas. Importante destacar que o consumo de álcool, e mais especificamente, o consumo da cerveja, está presente em muitas manifestações de torcidas organizadas no Brasil, assim também acontece entre as *barras* e *hinchadas* da Argentina, sobretudo quando seus torcedores se encontram para apoiar os seus clubes de futebol. Após nossa pergunta, o referente prontamente nos acompanhou até um mercadinho em uma rua perpendicular. Ali pudemos comprar água, cerveja, barrinhas de cereal e energético. O pesquisador não consome bebidas de álcool. A pesquisadora, por sua vez, comprou uma latinha de cerveja e prontamente, ao abri-la, foi convidada pelo integrante do *NOB* e o referente da *La Banda del Calamar* para um brinde em homenagem ao *Platense* e uma celebração à nossa presença.

Os torcedores do *Platense* são conhecidos como *calamares*, que é uma espécie de lula, um molusco com corpo alongado, olhos grandes, oito braços e dois tentáculos. Estes tentáculos envolvem suas presas e servem de auxílio no momento da presa. A cor marrom dos uniformes do *Platense* se diferencia de outros clubes e instituições da Argentina. Não é comum entre equipes de futebol a utilização de uniformes com essa coloração. É importante destacar que a torcida do *Platense* e a sua *barra*, *La Banda del Calamar*, possuem uma zona de influência que é o bairro de Belgrano, onde o estádio do clube, Ciudad de Vicente López, se localiza.

Em comparação às *barras* existentes nos bairros vizinhos, *La Banda del Calamar* pode ser considerada como uma *barra* de pequeno porte, seja por seu número de integrantes e/ou pelas cifras em dinheiro que arrecadam com os negócios que realizam. Porém, na Argentina as *barras*, assim como os clubes possuem zonas de domínio territorial e simbólico. Nessas localidades, são as *barras* que ditam as regras de sociabilidade (Simmel, 2006) e convivência, seja em dias de jogos ou não. Por isso, nas imediações do estádio Ciudad de Vicente López, os *calamares* comandam as cores que podem ou não serem utilizadas, os negócios que podem ou não funcionar e também quem pode ou não circular pelas ruas do bairro e, também, a forma como se pode circular.

O referente da *barra* do *Platense* estava acompanhado por sua esposa e seu filho menor de idade. Como não tínhamos almoçado ainda, todos fomos comer *choripán*⁸ em um bar em que outros torcedores estavam sentados. É importante dizer que o jogo que começaria às 17h, era uma partida a ser disputada pela última rodada do campeonato argentino. Se o *Platense* vencesse e outros resultados, de outras equipes, acontecessem, pela primeira vez em sua história o clube se classificaria para uma competição internacional: a Copa Sul-Americana de 2025. A vitória do *Platense* até aconteceu, por um tento a zero, porém a combinação de resultados das outras equipes não foi favorável, o que fez com que a desejada classificação não ocorresse.

Figura 2 - Pesquisadores e torcedores(as) do NOB e *La Banda Del Calamar*

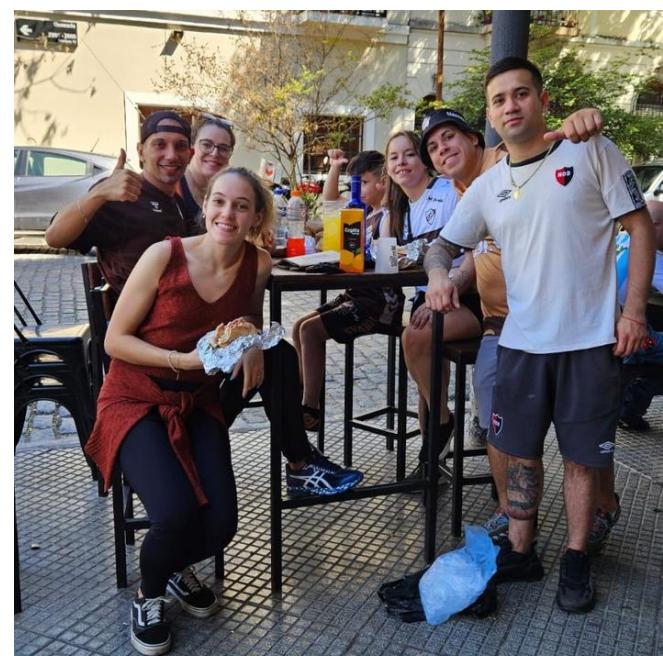


Foto: Rezende, Pisani, 2024.

Saímos do bar onde almoçamos *choripán* por volta de 15h40 e caminhamos cerca de 35 minutos para o estádio. Durante o caminho o filho do referente da *La Banda del Calamar* fez uma bola de papel alumínio, com o que sobrara dos embrulhos dos *choripáns*. Durante todo o percurso fomos chutando ela por alguns quarteirões. Inclusive, outros torcedores do *Platense* que nos encontravam pelo caminho também partilhavam daquela troca e diziam que naquela tarde o *Platense* venceria. Paramos uma vez durante a caminhada até o estádio, uma vez que o referente e sua companheira queriam comprar algumas bebidas. Ali mesmo, na rua, improvisaram um copo com uma garrafa pet, misturaram vodka, gelo e suco de pêssego. A bebida foi sendo compartilhada durante todo o caminho entre o referente, sua companheira e a pesquisadora.

Quanto mais próximo do estádio chegamos, maior era o barulho dos instrumentos – tambores e trompetes - das *barras*. A performance torcedora vai para além dos 90 minutos do jogo, ela permeia as ruas, as vestes das pessoas, os murais com pinturas de ídolos do clube e da própria *barra*. Ela também está presente no compartilhar e na troca de bebidas alcoólicas entre torcedores(as), mesmo que não se conheçam de maneira formal. O que une os(as) torcedores(as) ali é o processo de sociabilidade (Simmel, 2006). Este, por sua vez, gira em torno do ato de torcer para o *Platense*, mas também está ancorado no fato de ser membro e pertencer à *barra La Banda del Calamar*.

Chegamos nos arredores do estádio por volta de 16h10 e ficamos conversando com outros(as) torcedores(as) e nos foram apresentados por outras lideranças da *barra*. O referente da *barra* deu à pesquisadora a camisa do capitão do *Platense* (número 6). Ali ficou evidente que éramos bem-vindos e que naquele momento éramos considerados como membros da *barra La Banda del Calamar*. Porém, é importante ressaltar que existem contradições que marcam essa relação. Destacamos, sobretudo, as relações de gênero que foram estabelecidas até o momento. A pessoa presenteada com a camisa do *Platense* foi o pesquisador do sexo masculino. A companheira do pesquisador, Ana, e a outra pesquisadora não receberam a mesma cortesia.

Outro fato que também é digno de nota é que quando éramos apresentados para outros membros da *barra* eles dificilmente cumprimentavam as mulheres - Ana e a pesquisadora -, nem mesmo com um aperto de mão. Talvez a situação mais interessante, que desvela as hierarquias das relações de gênero neste espaço, esteja na cena vivenciada durante o jogo, quando o pesquisador foi interpelado por um integrante da *barra* que lhe perguntou se a pesquisadora que o acompanhava era solteira. O pesquisador indicou ao integrante da *barra* para que fosse falar diretamente com a pesquisadora, fato que nunca aconteceu. Ao comentarmos entre nós essa situação, ficou evidente que as mulheres que estavam acompanhando o pesquisador foram colocadas em uma posição de interdito, ou seja, não deveriam ser interpeladas diretamente. Coube ao pesquisador, ainda que de maneira involuntária, mediar algumas das relações em campo. Silvana Goellner (2005) discorre sobre as disputas que existem, no que tange à presença das mulheres no futebol, seja jogando, em cargos diretivos e ou torcendo. Esses exemplos da nossa experiência demonstram como apesar da aceitação delas nas arquibancadas, as mulheres ainda são tuteladas a partir da figura masculina que as acompanha.

Pouco antes da partida iniciar, nos dirigimos à fila de entrada. Até então não havíamos recebido quaisquer ingressos do referente. À medida que nos aproximávamos do portão de entrada vimos o referente saudar e abraçar o senhor que cobrava o canhoto dos ingressos. Ele

passou livremente. E assim como ele também fomos autorizados a entrar nas arquibancadas.

É interessante notar que as brigas no futebol argentino se dão de maneira mais bética (Cabrera, 2022), afinal, as *barras* possuem um poder político na sociedade argentina que as distinguem de outros atores sociais, as colocando em uma zona de prestígio e legitimidade, frente às autoridades policiais e estatais. Os integrantes da *La Banda del Calamar* nunca passou por divergências internas que resultaram em conflitos, como ocorre e já ocorreu com outras *barras* argentinas. O seu líder está no poder há mais de uma década e, assim, como nas demais torcidas argentinas a ascensão e a continuação nos cargos de lideranças são tomadas pela força e por indicações daqueles já que estão no poder, já que não existem eleições.

Futebol e política se misturam em diferentes momentos da história (Daskal, 2020) e na arquibancada do *Platense* não é diferente. Dentre as variadas faixas que estavam estendidas naquele domingo, uma em especial chamou a atenção. Ela foi colocada no centro do campo, ou seja, onde a transmissão da partida filmaria de maneira exata o que estava escrito: “*Las Malvinas son Argentinas*”. Essa é uma frase que está em outros pontos da cidade de Buenos Aires e de Rosário, local que também realizamos pesquisas de campo com a *barra* do *NOB*. Nos foi informado que essa frase também se mostra presente em outros estádios argentinos, como no do *San Lorenzo de Almagro*. Portanto, essa é uma marca distintiva de algumas *barras* argentinas, que se posicionam politicamente a favor dos milhares de mortos na Guerra das Malvinas. No conflito armado entre Argentina e Reino Unido, ocorrido no ano de 1982, militares e civis foram colocados no campo de batalha para defender uma causa do governo ditatorial.

A faixa, segundo integrantes da *barra La Banda Del Calamar*, representa o não esquecimento da história e evidencia a repúdia pelos ingleses e também pelos chilenos, que se aliaram aos primeiros, possibilitando que eles realizassem poucos estratégicos em seu território para atacar o país vizinho, Argentina. Parte dessa história também é resgatada para valorizar a figura do jogador Diego Armando Maradona. Durante a Copa do Mundo de 1986, a Argentina eliminou a seleção inglesa por 2 gols a 1, sendo que um gol foi marcado por Maradona com as mãos. O gol em questão foi batizado de *la mano de Dios*⁹. Anos mais tarde o próprio jogador reconheceu que o gol foi marcado “um pouco com a cabeça e um pouco com a mão de Deus”. A imagética sobre esse gol é tão forte no imaginário popular argentino que tornou-se tema de livros e filmes no país (D'Aloisio, 2024).

Dentro do estádio do *Platense*, pudemos observar a incidência de diferentes maneiras de acompanhar o mesmo jogo e, portanto, do ato de torcer. Nos setores das populares, que fica atrás dos gols, as pessoas assistem obrigatoriamente o jogo em pé, cantando e sem um lugar demarcado. A visão é turva, pois existem bandeiras, faixas e pessoas em diferentes posições que tornam o gramado e a partida que ali acontece, apenas mais um elemento dentre tantos outros.

Figura 3 - Vista do campo nas populares



Foto: Pisani, 2024.

49

Os torcedores que ali estão, entendem que eles integram o jogo a partir de elementos como fidelidade, paixão e cantos que demonstrem apoio por seu clube, cores e jogadores. A função de quem está nas populares é, portanto, apoiar os jogadores e cantar todo tempo, especialmente quando o time se encontra em dificuldades dentro do jogo (Marra, 2016). A performance identitária, durante o ato de torcer nas populares, também é algo que nos chama atenção, sobretudo no que diz respeito ao circuito das *barras* argentinas: os cânticos são comandados pelas lideranças da *barra* que se posicionam sobre as *paravalanches* da popular.

Na Argentina havia uma cultura torcedora para quando sua equipe fazia o gol: descer correndo as arquibancadas, realizando avalanches humanas para se aglomerarem na divisória com o gramado e ficar mais perto dos jogadores. Essa ação por vezes ocasiona quedas, pisoteamento e esmagamento de torcedores(as). As *paravalanches*, portanto, são estruturas de metal que se encontram presentes na arquibancada, com a finalidade de impedir que os torcedores realizem esse movimento e sofram acidentes. Atualmente as *paravalanches* são utilizadas pelos líderes para se colocarem em um degrau acima dos próprios torcedores, eles se debruçam nas faixas colocadas na vertical da popular e dali puxam as músicas e se colocam em uma posição de evidência e distinção frente a outros torcedores.

Figura 4 - Paravalanche



Foto: Pisani, 2024.

50

As *barras* possuem como característica a forte presença masculina no seu corpo integrante e o ethos viril e de masculinidade representado em seus cânticos e ações cotidianas (Alabarces, 2008; Lopes, 2013; Cabrera, 2022; Rezende, 2024). Nesse sentido, durante a nossa experiência etnográfica notamos alguns pontos que representam essa cultura machista e segmentada em identidades de gênero desejadas ou não (Anjos, 2018). Apenas homens e lideranças da *barra* podem acompanhar o jogo de cima da *paravalanche*, contudo, apesar de não ser uma liderança da *barra*, o pesquisador foi convidado subir e acompanhar o jogo da *paravalanche*. Enquanto os homens da *barra* ocupam posições de destaque, às mulheres e às crianças resta apenas acompanhar os cânticos em zonas laterais da popular, ou ficar por baixo das faixas tentando encontrar um espaço por entre os panos para assistir os jogos.

Existe uma *illusio* (Bourdieu, 1996) diante de como a torcida se comporta na arquibancada. Nesse sentido, algumas regras são institucionalizadas na performance dos torcedores como, por exemplo: o ato de cantar de forma uníssona (Marra, 2016) durante todo o jogo; ou ainda usar determinadas cores e evitar outras. A *barra La Banda Del Calamar* usa camisas marrons, vermelhas e brancas. Assim, antes que chegássemos ao encontro dos integrantes da *barra* nos foi aconselhado utilizar essas cores e evitar as cores preto, amarelo e azul. Outros pontos que se destacam estão no ato de torcer: é feito de pé e pulando. Esta também é uma marca distintiva da popular em relação às outras partes do estádio, onde se pode torcer sentado, por exemplo. Para aqueles torcedores que não cantam ou param de cantar em um dado momento, os líderes da *barra* os pressionavam verbalmente e em alguns momentos do jogo jogavam água para cima. Havia dois intuiitos nessa ação: primeiro, amenizar o calor que fazia naquela tarde de domingo; segundo deixar os torcedores ligados e atentos. Ou seja, a água servia como uma punição para quem não estava cantando.

Por fim, em relação às performances torcedoras dentro da popular do *Platense*, percebemos como alguns integrantes da *barra* se comportam como os donos do clube. Na linguagem bourdieusiana, existem capitais que denotam determinados prestígios dentro daquele espaço. Nesse caso, ser e integrar a *barra*, fazendo parte da primeira ou da segunda linha do grupo, é algo desejado por muitos torcedores. Ocupar essa posição permite angariar para si respeito dos demais e também desfrutar de algumas influências e benefícios. Isso ficou evidente quando entramos no estádio acompanhados do referente: entramos sem ingressos, não pegamos fila e/ou sequer fomos revistados como os outros torcedores. Ao termos nossa presença mediada e autorizada pelo referente, fomos recebidos pelas pessoas que faziam a segurança da partida, algo até então inusitado para as pesquisas de campo que havíamos realizados em outras *barras*, seja na Argentina, Colômbia e até em torcidas organizadas e bondes de pista brasileiros.

As *barras* argentinas possuem um poder que vai para além do âmbito torcedor, elas estão imbricadas nos setores diretivos dos clubes e até em outras instâncias da sociedade. Após a partida os integrantes da *barra* fizeram questão que entrássemos no campo de jogo, para tirar fotos e bater um *penalty*. Nossa passagem e entrada nos gramados foi autorizada sem nenhum problema ou entrave. Novamente, podemos observar o poder da *barra*, representado por sua influência dentro do clube e das ações que ali ocorrem (Daskal, 2020).

Por fim, é importante destacar a questão que envolve os materiais e patrimônios do grupo, como as faixas e o bandeirão. A forma de lidar com esse elemento é bem parecida como as torcidas organizadas lidam no Brasil: poucas pessoas podem tocar nesses materiais e é preciso fazer a defesa destes em relação aos rivais, já que a *illusio* (Bourdieu, 1996) das torcidas de futebol é, justamente, surrupiar objetos dos adversários como forma de demonstrar superioridade, masculinidade (Zucal, 2010; Cabrera, 2022; Rezende, 2024) e *aguante* (Moreira, 2005; Zucal, 2006). O pesquisador foi convidado pelos integrantes da *barra* para fazer a retirada de uma faixa. Após a partida, vimos os instrumentos de percussão e os demais utensílios da *La Banda del Calamar* serem escoltados para fora do estádio para um local seguro. O deslocamento dos materiais foi feito através de carros que estavam ocupados por lideranças da *barra* que se encontravam em posse de armas de fogo.

O encontro etnográfico e a produção do conhecimento

A dinâmica de amizade entre as torcidas de *Newell's Old Boys* e *Platense*, mediada pelas lideranças dessas *barras*, reflete a complexa rede de relações interpessoais que transcende os simples conflitos de torcida. A prática de uma torcida organizada oferecer apoio à outra, incluindo segurança, ingressos e confraternizações, revela um sistema de reciprocidade que vai além das rivalidades tradicionais, funcionando como uma estratégia de contorno às restrições legais que proíbem a presença de torcedores visitantes nos estádios da Argentina. Esses códigos de amizade e a troca de favores ilustram como as interações sociais entre os membros dessas torcidas organizadas criam uma espécie de rede de apoio que subverte a lógica de adversidade estabelecida no contexto futebolístico, permitindo que torcedores de diferentes clubes coexistam dentro de um ambiente de colaboração.

A presença dos pesquisadores nesse contexto etnográfico também é uma negociação constante dentro da lógica das *barras* e *hinchadas*, que são, por natureza, ambientes fechados e hierarquizados. A construção da relação com *La Banda del Calamar* foi facilitada pela rede

de conexões estabelecida anteriormente com outras *barras*, como a do *Newell's Old Boys*, e pela mediação das lideranças que viabilizaram nosso acesso. No entanto, essa inserção não se deu de forma simples ou automática. Como os próprios membros da torcida se reconhecem em um campo social restrito, nossa presença foi constantemente negociada, com um processo contínuo de validação da nossa posição dentro do grupo. Essa negociação de acesso, que passa pela confiança das lideranças e pela capacidade de respeitar os códigos implícitos da *barra*, foi fundamental para que pudéssemos realizar a pesquisa sem que nossa presença fosse vista como uma intrusão ou ameaça à dinâmica interna.

Além disso, a forma como nossa relação com os torcedores foi construída, especialmente por meio de figuras-chave como o torcedor liderança do *NOB* que nos acompanhou, nos coloca em uma posição de reflexão sobre o papel dos pesquisadores como intermediário entre grupos distintos. Embora nossa experiência etnográfica tenha sido marcada por um certo distanciamento da violência e da exclusividade desses ambientes, o fato de sermos parte de um processo mais amplo de intercâmbio entre torcidas nos coloca em uma posição de influência sutil, pois nossa interação com o grupo foi mediada pelas dinâmicas de poder existentes entre as *barras*. Isso nos permite pensar em como o papel do(a) etnógrafo(a) é moldado não apenas pela objetividade da pesquisa, mas também pelas redes sociais e pelas relações interpessoais que se constroem no momento etnográfico, impactando diretamente a construção do conhecimento e da escrita etnográfica.

A construção da relação entre os pesquisadores e os membros de *La Banda del Calamar* no contexto etnográfico, em um ambiente fechado e hierarquizado como as torcidas organizadas, foi marcada por uma série de negociações sutis, especialmente no que diz respeito à autorização para realizar a pesquisa e interagir com os integrantes da *barra*. O primeiro encontro, com a liderança da torcida do *NOB*, funcionou como um ponto de transição, em que os pesquisadores puderam se inserir na dinâmica do grupo e, de forma cuidadosa, estabelecer a confiança necessária para interagir livremente. A decisão de perguntar previamente sobre a permissão para fotografar e interagir com os torcedores reflete o respeito pelas normas internas da *barra* e a conscientização de que a aproximação a esse tipo de grupo exige sensibilidade e responsabilidade. A autorização imediata do referente da *barra La Banda Del Calamar* evidencia uma relação de confiança e reciprocidade, mas também é uma prova de como o processo de inserção etnográfica envolve uma constante validação das intenções dos pesquisadores e a negociação dos seus papéis dentro daquele espaço social.

A observação do comportamento e da disposição dos torcedores da *barra* no espaço público, como descrito ao caminhar entre eles antes do jogo começar, forneceu alguns vislumbres importantes sobre as práticas de sociabilidade da *barra*. A forma como os integrantes da *La Banda del Calamar* se comportam antes da partida — cantando, bebendo e soltando sinalizadores — não só revela a energia coletiva que caracteriza a dinâmica da torcida, mas também oferece uma janela para compreender os códigos informais e as formas de pertencimento que definem a relação entre os membros. Essa interação, mediada pela permissão explícita do referente, permitiu que os pesquisadores se inserissem na vivência do grupo sem se tornarem intrusos, ao mesmo tempo em que os membros da torcida mantinham o controle sobre como e em que medida sua sociabilidade seria exposta. Assim, a experiência etnográfica que emergiu desse momento inicial de aproximação exemplifica como o encontro entre etnógrafos(as) e interlocutores(as) não é uma troca unilateral, mas sim uma

construção colaborativa e negociada, com implicações diretas para a escrita etnográfica.

A negociação da presença dos pesquisadores nesse contexto se dá também nas interações cotidianas e nas trocas sociais informais, como o momento em que fomos acompanhados até o mercadinho para comprar bebidas e alimentos. O gesto do referente em nos acompanhar e garantir nossa inserção em uma prática de sociabilidade tão central para a torcida, como o brinde com a cerveja, demonstra uma acolhida que, embora não sem implicações, reflete a importância do gesto de reciprocidade dentro das dinâmicas de sociabilidade das *barras*. Essa ação também nos coloca em uma posição de reflexão sobre as fronteiras entre o(a) etnógrafo(a) e o(a) interlocutor(a), já que o pesquisador, ao não consumir álcool, se afasta de uma prática culturalmente significativa dentro da torcida, enquanto a pesquisadora, ao participar do brinde, está sendo incluída de maneira simbólica no ritual de confraternização, embora com a consciência de que sua participação tem um caráter diferente do dos torcedores nativos.

A descrição do entorno sociocultural da torcida do *Platense* e sua zona de influência no bairro de Belgrano oferece um olhar sobre o poder simbólico e territorial das *barras*, especialmente no que diz respeito à maneira como elas regulam a vida cotidiana nas imediações do estádio. O controle da sociabilidade local — determinando o que pode ou não ser utilizado, quem pode circular e como — ilustra como as *barras* não são apenas grupos de apoio aos clubes de futebol, mas entidades com forte poder social e político dentro de suas comunidades. Para os pesquisadores, essa observação revela a complexidade das relações de poder que também se inserem na negociação da presença e da escrita etnográfica, pois ao se deslocarem por esse território, os etnógrafos estão, na verdade, atravessando um espaço simbólico em que as regras locais não só orientam o comportamento dos membros da torcida, mas também impõem limites e possibilidades para a própria pesquisa.

O percurso até o estádio, com sua troca contínua de brincadeiras e bebidas entre os torcedores, revela a construção de uma experiência coletiva que transcende o evento esportivo e se firma na sociabilidade dos membros da *barra*. O ato de chutar a bola de papel alumínio e trocar as bebidas, inclusive entre pessoas que não se conhecem formalmente, reflete o papel central do futebol como uma prática de interação social que une os torcedores e os pesquisadores, independentemente de sua relação com o jogo em si. Essa interação, mediada pela presença dos pesquisadores, também nos coloca em uma posição de reflexão sobre como o etnógrafo se insere nas dinâmicas de sociabilidade, sendo aceito dentro do grupo, mas também observado dentro de um contexto de normas sociais que, embora estejam voltadas para a celebração coletiva, ainda impõem certas fronteiras, como a questão da hierarquia nas relações de gênero dentro da torcida.

A forma como a relação de gênero se manifesta na interação com a *barra* de *Platense* evidencia uma das contradições subjacentes à nossa experiência etnográfica. Ao ser presenteado com a camisa do capitão, o pesquisador foi inserido simbolicamente na dinâmica da *barra*, enquanto a pesquisadora foi deixada de fora dessa cortesia. A situação em que um membro da *barra* se dirige ao pesquisador para perguntar sobre o estado civil da pesquisadora também reflete as desigualdades de gênero que permeiam os espaços de sociabilidade das torcidas. Isso reforça a argumentação de Goellner (2005) sobre as disputas relacionadas à presença das mulheres no futebol e evidencia como, embora as mulheres sejam aceitas nas arquibancadas, sua presença continua sendo regulada por normas e hierarquias masculinas, que afetam até mesmo a forma como a pesquisa etnográfica é conduzida e como as mulheres

são socialmente posicionadas dentro desses espaços.

A relação entre futebol e política no contexto das *barras* argentinas, especialmente na *La Banda del Calamar*, revela um entrelaçamento profundo entre práticas esportivas e identidades políticas, algo que é evidente na simbologia que a *barra* carrega, como a faixa "*Las Malvinas son Argentinas*". Essa frase, amplamente visível em estádios argentinos, não só representa uma afirmação de identidade nacional, mas também resgata a memória histórica da Guerra das Malvinas, que ainda é politicamente relevante no país, marcando a memória coletiva da nação. O fato das *barras*, como a do *Platense*, adotarem publicamente uma posição política tão clara a favor de uma causa histórica - que remonta a um passado de confrontos violentos com potências estrangeiras - demonstra como o futebol argentino se torna uma arena de disputa e afirmação política, onde se mistura o apoio à equipe com o apoio a uma narrativa nacionalista e política (Daskal, 2020). No contexto da *La Banda del Calamar*, a presença de faixas como essa no estádio torna-se um reflexo das alianças simbólicas que as *barras* constroem, não apenas entre si, mas também com a história política da Argentina, traçando conexões que vão além do campo esportivo.

A permanência do líder da *barra* no poder por mais de uma década também reflete a continuidade das práticas políticas dentro desse microcosmo social. A ascensão e a manutenção nas lideranças são, como em muitos outros grupos organizados, determinadas pela força e pela influência, e não por processos eleitorais. No caso da *La Banda del Calamar*, a figura do líder, que há mais de dez anos comanda o grupo, é central para entender a coesão e a estabilidade interna da torcida, e a escolha de símbolos e práticas que conectam o futebol à política.

A experiência etnográfica dentro do estádio do *Platense* nos permitiu observar as diferentes maneiras de torcer, especialmente nas populares, onde os torcedores, obrigados a assistir em pé e sem um lugar demarcado, são imersos em um ambiente de intensa performance coletiva. A prática de cantar o tempo todo, muitas vezes de forma uníssona, é um elemento fundamental da sociabilidade da *barra*, comandada pelas lideranças que se posicionam nas *paravalanches* — estruturas que não apenas protegem os torcedores de quedas, mas também funcionam como plataformas de visibilidade e autoridade. A ascensão e distinção dos líderes dentro desse espaço, contrastada com o lugar relegado às mulheres e crianças, revela como as práticas de torcer se entrelaçam com estruturas de poder que reforçam normas de gênero e masculinidades. A presença do pesquisador na *paravalanche*, embora não fosse uma liderança formal, exemplifica como a relação com os membros da *barra* permite uma negociação de espaços e privilégios, onde o capital simbólico de pertencimento à *barra* confere acesso e respeito dentro daquele território, demonstrando a importância da hierarquia e da identidade coletiva.

Além disso, a prática de torcer na *barra* do *Platense* está imersa em um sistema de regras não escritas que definem as cores, os comportamentos e as relações de poder dentro da torcida. O fato de que certos membros da *barra* detêm o poder sobre materiais simbólicos como faixas e bandeirões, e a proteção desses itens contra os rivais, revela a dimensão simbólica da torcida, onde a posse desses objetos reflete superioridade, masculinidade e a resistência ao "surrupio" de material rival. Essa dinâmica se estende além da arquibancada, como ilustrado pelo comportamento das lideranças que, após o jogo, garantem a segurança e o transporte dos instrumentos de percussão e faixas para locais protegidos. A escolta dos materiais, envolvendo carros e armamento, não só revela o poder da *barra* dentro do clube,

mas também sublinha sua influência nas instâncias sociais e políticas mais amplas. Isso demonstra como as *barras* argentinas não se limitam ao espaço do estádio, mas têm um impacto significativo nas estruturas mais amplas da sociedade, refletindo uma mistura de poder simbólico, social e material.

Conclusões

O encontro etnográfico com os integrantes da *barra La Banda Del Calamar* foi central para a construção do conhecimento antropológico ao longo desta pesquisa, destacando a complexidade das relações sociais que se estabelecem entre o etnógrafo e os seus interlocutores no ambiente do futebol. Ao vivenciar as dinâmicas da *La Banda del Calamar*, foi possível perceber que o processo de aproximação e inserção dentro desse espaço fechado e hierarquizado não se deu apenas por meio de observação, mas também por negociações constantes de acesso, respeito e pertencimento. O encontro etnográfico, portanto, não se limita à coleta de dados, mas se configura como um processo relacional que exige uma constante adaptação e reflexão dos pesquisadores, moldando a própria construção do conhecimento. A partir dessa experiência, a inserção etnográfica nos proporcionou *insights* sobre a sociabilidade nas torcidas argentinas e também evidenciou o papel ativo que os pesquisadores desempenham nas dinâmicas de campo.

A pesquisa realizada destacou como a construção do conhecimento antropológico é indissociável das dimensões simbólicas e de poder que atravessam os espaços estudados. A experiência etnográfica com *La Banda del Calamar* revelou a importância de compreender as formas de poder, identidade e pertencimento que definem as práticas sociais de grupos como as *barras* argentinas. O processo de imersão no cotidiano da torcida permitiu uma análise de perto e de dentro das relações de gênero, da hierarquia interna e das manifestações políticas que emergem no futebol, oferecendo um olhar mais complexo sobre a cultura de massa e suas interações com as estruturas sociais e políticas.

55

Notas

1 Esta pesquisa foi financiada pelo INCT Estudos do Futebol Brasileiro e pelo CNPq através da Bolsa PDE nº 200767/2024-0.

2 Em tradução livre: A gangue das Lulas.

3 Termos em outras línguas aparecerão grifados em itálico neste texto.

4 Optamos por nomear as torcidas argentinas de barras ou hinchadas, e não, de barras bravas. A justificativa é que os próprios membros não se denominam dessa maneira, pois reconhecem que esse é um termo pejorativo construído pela imprensa e as autoridades, com a finalidade de homogeneizá-los, unicamente, como pessoas violentas e que utilizam o futebol para cometer atos de transgressão.

5 Popular é o nome dado às arquibancadas na Argentina que ficam atrás dos gols, que não possuem cadeiras e que, portanto, as pessoas assistem aos jogos de pé dos estádios

argentinos.

6 Estas não são como as facas que conhecemos no Brasil. Elas são maiores, como espadas, entretanto não possuem uma ponta perfurante. A ponta é curvada e, portanto, menos afiada. Assim, os ferimentos que provocam são mais vergões e hematomas do que cortes e perfurações.

7 O referente é o líder de uma parte da *barra*, ele se reporta para as lideranças gerais. Nesse sentido, ele faz parte da primeira linha e em alguns casos também integra a segunda linha da torcida. Nas linhas se encontram os referentes de cada bairro/região que a *barra* é subdividida.

8 Comida típica argentina que contém: pão; chouriço e em alguns casos salada.

9 Em tradução livre: a mão de Deus.

Referências

Anjos, Luiza Aguiar dos. *De “São bichas, mas são nossas” à “Diversidade da alegria”: uma história da torcida Coligay*. 2018. 388f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/184514>. Acesso em: 14 mar. 2025.

56

Alabarces, Pablo. *Crónica del aguante. Fútbol, violencia y política*. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2004.

Alabarces, Pablo. (Org.). *Hinchadas*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2008.

Archetti, Eduardo. *Fútbol y ethos*. Buenos Aires: FLACSO-Series de investigación, 1985.

Brasil. Lei nº 10.671, de 15 de maio de 2003. Dispõe sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor e dá outras providências. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2003/lei-10671-15-maio-2003-496694/publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 16 jul. 2024.

Brasil. Lei nº 12.299, de 27 de julho de 2010. Dispõe sobre medidas de prevenção e repressão aos fenômenos de violência por ocasião de competições esportivas; altera a Lei nº 10.671, de 15 de maio de 2003; e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20072010/2010/lei/l12299.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2012.299%2C%20DE%2027,2003%3B%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%A3ncias. Acesso em: 12 mar. 2025.

Brasil. Lei nº 14.547, 14 de junho de 2023. Lei Geral do Esporte. Institui a Lei Geral do Esporte. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023/2026/2023/lei/l14597.htm.

Acesso em: 12 mar. 2025.

Barreto Januário, Soraya. *Mulheres no Campo: O ethos da torcedora pernambucana*. São Paulo: Fontenele Publicações, 2019.

Bourdieu, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Cabrera, Nicolás. *Que la cuenten como quieran: pelear, viajar y alentar en una barra de fútbol argentino*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2022.

Castro, John. "El carnaval y el combate hacen el aguante en una barra brava". *Revista Colombiana de Sociología*, v.36, p.77-92, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unal.edu.co/handle/unal/73241>. Acesso em: 10 mar. 2025.

Castro, John. "Cuerpo, jerarquía y formas de actuar: estética, política y ética en barras bravas de bogotá". *Revista FuLiA/UFMG*, v. 7, n. 1, jan.-abr., 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/35895>. Acesso em: 14 mar. 2025.

Campos, Flavio de; Toleto, Luiz Henrique de. 2013. "O Brasil na arquibancada: notas sobre a sociabilidade torcedora". *Revista USP*, Brasil, n. 99, p. 123-138. ISSN 2316-9036. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/76307>>. Acesso em: 23 Jun. 2014.

57

D'Aloisio, Fabián. (Comp.). *Diegologías: miradas sobre el universo maradoniano*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ediciones Meta-Sentidos en Juego. 2024.

Daskal, Rodrigo. *Hinchas: pasión y política em River Plate (1996-2013)*. Buenos Aires: Grupo Editorial Sur, 2020.

Goellner, Silvana Vilodre. "Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades". *Revista Brasileira De Educação Física e Esporte*, v.19, n.2, p. 143-151, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590>. Acesso em: 14 mar. 2025.

Gomes, Eduardo de Souza. *Futebol e narcotráfico: uma releitura do caso de Pablo Escobar na Colômbia*. Ludopédio, São Paulo, v. 87, n. 12, 2016.

Gomes, Eduardo de Souza. *Futebol e narcotráfico II: uma breve análise da influência do cartel de Cali no futebol do América*. Ludopédio, São Paulo, v. 95, n. 32, 2017.

Gomes, Eduardo de Souza. *Futebol e narcotráfico III: as influências de Gonzalo Rodríguez Gacha “El Mexicano”, no futebol do Millonarios*. Ludopédio, São Paulo, v. 134, n. 54, 2020.

Ibarra, Mariana; Alvarez Litke, Martin; Majul, Devora. "Ir al frente, ponel el cuerpo, tener aguante". *Revista Anfibia*, 2023. Disponível em: <https://www.revistaanfibnia.com/ir-al-frente-poner-el-cuerpo-tener-aguante-mundial-femenino-de-futbol/>.

Lopes, Felipe Tavares Paes. *Discursos sobre violência envolvendo torcedores de futebol: ideologia e crítica na construção de um problema social*. 2012. 589f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Instituto de Psicologia, USP, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-13072012-103725/pt-br.php>. Acesso em: 11 mar. 2025.

Marra, Pedro Silva. *Vou Ficar de Arquibancada pra sentir mais emoção: técnicas sônicas nas dinâmicas de produção de partidas de futebol do Clube Atlético Mineiro*. Tese (Doutorado em Comunicação Social), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016. 203 f. 2016. Disponível em: https://ppgcom.uff.br/wp-content/uploads/sites/200/2020/03/tese_doutorado_2016_pedro_silva_marra.pdf. Acesso em: 13 mar. 2025.

Máximo Pimenta, Carlos Alberto. *Torcidas organizadas de futebol. Identidade e identificações, dimensões cotidianas*. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2004. Disponível em: <https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20100920124116/3PI-Pimenta.pdf>.

Moreira, María Verónica. "Trofeos de guerra y hombres de honor". In: Alabarces, Pablo. et al. (comp.). *Hinchadas*. Buenos Aires: Prometeo, 2005. p. 75-90. Disponível em: https://historiapolitica.com/datos/biblioteca/estudiosdeportes_moreira.pdf. Acesso em: 13 mar. 2025.

Murad, Maurício. *Dos pés à cabeça: elementos básicos de sociologia do futebol*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.

Murad, Mauricio. *A Violência e o Futebol – dos Estudos Clássicos aos Dias de Hoje*. Rio de Janeiro, FGV, 2007.

Perina, Fábio Célia; Lopes, Felipe Tavares Paes. "Dispositivos de segurança no futebol argentino e colombiano: uma revisão bibliográfica". *Revista Motrivivência*, v. 33, p. 1-15, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/76949>. Acesso em: 14 mar. 2025.

Pisani, Mariane. "Eric Cantona, Vélez Sarsfield e a luta antifascista no futebol argentino". *Brasil de Fato, Coluna Esportes Rebeldes*. 2025. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/columnista/esportes-rebeldes/2025/02/04/eric-cantona-velez-sarsfield-e-a-luta-antifascista-no-futebol-argentino/>

Ramírez, Jacques; Salazar, Santiago. *Hinchas Organizados: ¿Barras Bravas o Barristas Sociales? Una Mirada desde Colombia y Ecuador*. Departamento de Ciências Sociais, Unimontes-MG. Argumentos, vol. 18, n.2, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://portal.amelica.org/ameli/journal/363/3632660005/>. Acesso em: 14 mar. 2025.

Restrepo, Juan Manuel. *Plan decenal de seguridad, comodidad y convivencia en el fútbol: entre la vigilancia y la voluntad política, un análisis comparado sobre la política del fútbol*

colombiano los casos de Cali y Medellín. Quito: Tesis (Maestría de Investigación en Estudios Urbanos) - FLACSO Ecuador, 2018. Disponible em: https://repositorio.flacsoandes.edu.ec/handle/10469/27/simple-search?query=&sort_by=score&order=desc&rpp=10&filter_field_1=subject&filter_type_1>equals&filter_value_1=COLOMBIA&filter_field_2=subject&filter_type_2>equals&filter_value_2=VIOLENCIA&filter_field_3=subject&filter_type_3>equals&filter_value_3=CULTURA&filter_field_4=subject&filter_type_4>equals&filter_value_4=POL%C3%8DTICA&etal=0&filtername=subject&filterquery=MEDELL%C3%8DN+CIUDAD%29&filtertype>equals.

Acesso em: 14 mar. 2025.

Rezende, Fábio Henrique França. *Os bondes de pista: a briga como possibilidade de lazer para grupos de torcedores de futebol no Brasil.* 2024. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/77904/4/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Rezende.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2025.

Rezende, Fábio Henrique França; Saldanha, Renato Machado; Silva, Silvio Ricardo da. "Estatuto de Defesa do Torcedor e Lei Geral do Esporte: similaridades e distinções no que concerne à atuação perante as torcidas organizadas". *Ludopédio*, São Paulo, v. 169, n. 7, 2023. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/estatuto-de-defesa-do-torcedor-e-lei-geral-do-esporte-similaridades-e-distincoes-no-que-concerne-a-atuacao-perante-as-torcidas-organizadas/>?srltid=AfmBOoqH4KwbtMPs580Hou6ZwiPBLLjhrx9HjMCsflw_WXV5obRs-Z-t. Acesso em: 14 mar. 2025.

Rezende, Fábio Henrique França; Saldanha, Renato Machado; Silva, Silvio Ricardo da. "Tutela e controle no torcer no Brasil". *Ludopédio*, São Paulo, v. 168, n. 20, 2023. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/tutela-e-controle-no-torcer-no-brasil/>?srltid=AfmBOooiqTxMgMUGUdGW2qPyBrJPK07PPdXHazlhTcr6JSTHESjBFEX. Acesso em: 14 mar. 2025.

Santos, Tarcyanie Cajueiro. *Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia no futebol.* São Paulo: Annablume, 2004.

Souza, Eduardo Araripe Pacheco de. As gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil: o caminho até as alianças. *Csonline (UFJF)*, v. 31, p. 192, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/30164>. Acesso em: 12 mar. 2025.

Teixeira, Rosana da Câmara. Torcidas jovens: entre a festa e a briga. *Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política*. n.10/11, p.85-104, 2001. Disponível em: https://ludopedio.org.br/wp-content/uploads/041449_Rosana%20-%20Torcidas%20jovens.pdf. Acesso em: 18 nov. 2024.

Teixeira, Rosana da Câmara. *Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas*. São Paulo: Annablume, 2003.

Toledo, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados, 1996.

Zucal, José Garriga. "Soy macho porque me la aguento: etnografías de las prácticas violentas y la conformación de identidades de género masculinas". In: Alabarces, Pablo; Conde, Mariana; Dodaro, Christian. (Comp.). *Hinchadas*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006. p.39-58. Disponível em: <https://cdsa.aacademica.org/000-045/233.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2025.

Zucal, José Garriga. *Nosotros nos peleamos: violencia e identidad de una hinchada de fútbol*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010.